Biblioteca Virtualbooks

Segundos Cantos

Gonçalves Dias

****

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

www.virtualbooks.com.br

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG

****

Segundos Cantos

CONSOLAÇÃO NAS LÁGRIMAS

Como é belo à meia noite
   O azul do céu transparente,
Quando a esfera d'alva lua
   Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
   Toda se cala dormente,
Quando o mar tranqüilo e brando
   Na areia chora fremente!

Como é belo este silêncio
   Da terra todo harmonia,
Que aos céus a mente arrebata
   Cheia de meiga poesia!
Como é bela a luz que brilha
   Do mar na viva ardentia!
Este pranto como é doce,
   Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
   Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
   Sem nas folhas sussurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
   Quisera agora escutar,
Quisera mágoas pungentes
   Neste silêncio olvidar!

O azul do céu, nem da lua
   A doce luz refletida,
Nem o mar beijando a praia,
   Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
   Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
   Nem quanto embeleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
   Em silêncio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
   Do coração despegado;
Não soro de fel, mas santo
   Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dores,
Mas quase em prazer coado!

CANÇÃO

Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada
De madeira preciosa
Sobre o Líbano cortada.
  Foi o Senhor quem ma deu,
  Se santas palmas coberta,
  Que as notas suas concerta
Aos sons do saltério hebreu!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavam trovas de amores.
  Mas chegando a Santa Cruz,
  De volta do meu desterro,
  Cortei-lhe as cordas de ferro.
  Cordas de prata lhe pus.

Tenho tão bem uma lira
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
  Nas grinaldas, nos festões,
  Nas rosas com que s'inflora,
  Goteja o orvalho da aurora,
  Ditame dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzela,
Só harpa, alaúde e lira;
Nem vejo sorte mais bela,
Nem coisa que prefira.
  Votei assim ao meu Deus
  A minha harpa religiosa,
  A ti a lira mimosa,
  O grave alaúde aos meus!

LIRA

Se me queres a teus pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,
Ou já em mudas lágrimas banhado;
      Volve, impiedosa,
      Volve-me os olhos;
      Basta uma vez!

Se me queres do rojo sobre a terra,
Beijando a fímbria dos vestidos teus,
Calando as queixas que meu peito encerra,
      Dize-me, ingrata,
      Dize-me: eu quero!
      Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lira
Louvor singelo dos amores meus,
Por que minha alma há tanto em vão suspira;
      Dize-me, ó bela,
      Dize-me: eu te amo!
      Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE

Ponham-me embora na crestada Líbia,
Ou lá nas zonas em que o gelo mora
Ali tua alma viverá comigo
        Ali teu nome!

Ponham-me em terras que leões só ceiam,
Nas altas serras que o condor habita;
Ali ainda viverá contigo
        Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha.
Cortado o rosto de gelado vento,
        Mádida a coma:

Ali aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas d|este amor sem termo,
        Direi? Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
        Férreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equúleo:
Agudos dentes de tenaz raivosa
        Mordam-me as carnes:

Nas feias sombras de cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só comigo, quer em meio às gentes.
        Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágua ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu sofra mais agudas dores,
        Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teu nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinais carícias,
Beija-te o colo, beija-te o sorriso,
        Goza-te e vive!

E eu no entanto esforço-me com dores!
Praguejo o inferno que nos pôs tão longe,
Louco bravejo, misero soluço...
        Desejo e morro!

A VIRGEM

Linda virgem simelha a linda rosa,
        Que se abre ao romper d'alva;
Encapelam-se as pétalas mimosas,
Lacreadas de pudor com rubro selo:
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas dela a abelha extrai seu mel mais puro.

Seu nobre coração é como um templo,
        Onde só Deus habita;
Ali reina o mistério involto em sombras,
E maga placidez involta em cantos:
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deus a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmóreo leito
        Sua alma ingênua e bela:
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céus contemplam mudos.

E se eu a vejo nos saraus ruidosos,
        C'roada de beleza,
E a sombra da tristeza irresistível
Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;

Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
/que as asas d'oiro, que perdeu, lamenta!

Então como que sinto arrebatar-me
Simpática atração!
Quisera doces carmes de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: "Um canto ao menos
O acerbo exílio teu torne mais brando!"

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meus dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem eco!

ROSA NO MAR!

Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzela;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabelos dela.

Leve ruga no semblante
Vem num instante,
Que noutro instante se alisa;
Mais veloz que a sua idéia
Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura:
Doce rir dos céus encanto,

Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse lugar solitário.
Seu fadário.
De ver o mar se recreia;
De o ver, à tarde, dormente,
Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
Divagava
Em seu pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
Quando a rosa
Do seio no chão lhe cai:
Vem um'onda bonançosa,
Qu'impiedosa
A flor consigo retrai.

A meiga flor sobrenada;
De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flor; a virgem bela,
Vai trás ela,
Rente, rente – à beira-mar.

Vem a onda bonançosa,
Vem a rosa;
Foge a onda, a flor também.
Se a onda foge, a donzela
Vai sobre ela!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

Nisto o mar que se encapela
  A virgem bela
Recolhe e leva consigo;
Tão falaz em calmaria,
  Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas águas alguns instantes,
  Flutuantes
Nadaram brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
  A praia cansa
Com monótonos latidos.

Um doce nome querido
  Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia.
Toda a praia perlustraram,
  Nem acharam
Mais que a flor na branca areia.

O AMOR

Amor! Enlevo d'alma, arroubo, encanto
Desta existência mísera, onde existes?
Fino sentir ou mágico transporte,
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quais não basta a natureza humana;)
Simpática atração d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apuram,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inútil chama ressecou meus lábios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E à terra fez baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontra! – em vão meus anos
No louco intento esperdicei; gelados,

Uns após outros a cair precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, pó ti clamava; - e o meu deserto
Aos meus acentos reboava embalde.

Em vão meu coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'ende e busca,
Em vão meus lábios sôfregos cubiçam
Libar a taça que aos mortais of'reces!
Dizem-na funda, inesgotável, meiga;
Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!
Dizem-na bálsamo, eu veneno a sorvo:
Prazer, doçura, - eu dor e fel encontro!

Dobrei-me às duras leis que me imposeste,
Curvei ao jugo teu meu colo humilde,
Feri-me aos teus ardentes passadores,
Prendi-me aos teus grilhões, rojei por terra...
E o lucro?... foram lágrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a ilusão e a vida exausta!

Celeste emanação, gratos eflúvios
Das roseiras do céu; bater macio
Das asas auribrancas dalgum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esfera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
És tudo, mais do qu'isto: és luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essências trescalando!...
Tão bem passas veloz, - breve te apagas,
Como duma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando à flor de um lago!

SEMPRE ELA

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a palidez se pinta,
Como nos céus a matutina estrela!
A dor lhe há desbotado a cor das faces,
E o sorriso que lhe roça os lábios
Murcha ledo sorrir nos lábios doutrem.

Tem um timbre de voz que n'alma ecoa,
Tem expressões d'angélica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade santa,
E exala eflúvios dum odor suave
De aloés, de mirra ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente aflita,
De dor oculta remordida, anseia
Desabrochar-se em confidência amiga,
"Neste mundo o qu sou? – triste clamava;
"Pérsica involta em pó, entre ruínas,
"Erma e sozinha a revolver-me em pranto!
"Flor desbotada em hástea já roída,
"De cujo tronco as outras amarelas
"Já rojam sobre o pó, já murchas pendem!
"É sentir e sofrer a minha vida!"
Merencória dizia, erguendo os olhos
Aos céus dum claro azul, que lhes sorriam.

Nada o mundo alcion por sobre os mares,
E próximo a seu fim desata o canto;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas águas do Jordão? E como a rosa,
Como o cisne, do mar entre os perfumes,
Aos sons duma Harpa interna ela morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
Nas águas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cisne ir-se embalado
Sobre as águas do mar, cantado a morte;
Eu também a segui – a rosa , o cisne,
Que lá se foi sumir pó clima estranho.

E depois que os meus olhos a perderam,
Como se perde a estrela em céus infindos,
Errei pó sobre as ondas do oceano,
Sentei-me a sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem dela,
Que tão inteira me ficara n'alma!

Embalde aos céus erguendo os olhos turvos
Meu astro procurei entre os mais astros,
Qu'outrora amiga sina me fadara!

Com brilho embaciado e lua incerta
Nos ares se perdeu antes do ocaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angústias.

MIMOSA E BELA

I

Tão bela és, tão mimosa,
 Qual viçosa
 Fresca rosa,
Que em serena madrugada
 Despontada,
 Rorejada
Foi pelo orvalho do céu;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que ali prendeu.

II

Quando um penar aflitivo,
 Sem motivo,
 D'improviso
Tua alma ocupa e entristece,
 Que padece,
 Que esmorece
Com aquele imaginar;
Aumenta a tua beleza
Lânguido véu de tristeza,
Palor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
 Sempre viva,
 Sempre esquiva;
Assim perde o colorido

Por um toque irrefletido
Mal sentido:
Assim vai o nenúfar,
Como que sofre e tem mágoas,
Esconder-se em fundas águas,
Te que o sol torne a brilhar.

IV

Mas também a flor brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranqüila corrente,
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixa-la em seu lugar.

V

Não consintas pois que as mágoas,
Como as águas,
Que das fragas
Furiosas vêm tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flor do teu coração!
Há na vida u'amor somente,
Um só amor inocente,
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flor, bem-fadada,
Suspirada,
Bafejada
Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora,
Que a colora:
À luz do sol se recreia.
E de noite se retrata

Da fonte na lisa prata,
Quando o céu de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS

Já vistes sobre a flor de manso lago
Duas aves brincando solitárias,
Já pousadas na lisa superfície,
 Já levantando vôo?

Já vistes duas nuvens no horizonte,
Brancas, orladas com listões de fogo,
A deslumbrante alvura cambiando
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,
Abrindo ao romper d'alva as longas asas,
Onde reflete o sol, como em um prisma,
 Belas, garridas cores?

Nem as pombas que vagam solitárias,
Nem as nuvens do ocaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejam livres
 Em vale ajardinado:

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, belas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abrolhos
 Impróvidas calcando.

Quanto há no mundo d'ilusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardam no peito,
Quanto há de luz no céu mostram nos olhos,
 Quanto há de belo – n'alma.

Como um jardim seu coração se mostra,
Seus olhos como um lago transparente,

Sua alma como uma harpa harmoniosa,
 Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruído espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gota de orvalho ensopa as asas
 Das leves mariposas.

Desgarrdas voando as aves fogem,
Dos castelos dos céus perdem-se as nuvens,
Nem mais adejam borboletas vagas
 Sobre o esmalte das flores.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as asas dos ventos que a bafejam,
 A flor também definha.

Mas um nobre sentir que se enraíza
No peito da mulher, que menos ame,
É como essência preciosa e grata,
 Que se lacrou num vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem,
Leves emanações, gratos eflúvios
Há de eterno verter da mesma essência,
 Talvez porém mais doces.

SONHO

Sonhava esta noite, Donzela formosa,
Já quando as estrelas tombavam no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
 Divina e mimosa...
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véu se cobria
D'estrêlas fulgentes de brilho sem par;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um jeito celeste:
"Afetos que em outro não pude encontrar
"Por fim me renderam, - paixão lisa e pura - ,
Que tanto sofreste...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

"Pois tanto sofreste, não devo impiedosa
"Fineza tão grande por fim mal pagar!"
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,
E uns lábios de rosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E uns lábios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tépidos beijos de fervido amar!
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte!...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! – nos lábios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,
Em quanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! - depois vos tecia
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
E um cinto de amores com broche esmaltado
De meiga poesia!...
Quem tão bem fadado Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meu bem minha amada,
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lira,

Na lira afinada!
O sonho é mentira;
Não quero sonhar!

SOLIDÃO

Se queres saber o meio
Por que as vezes me arrebata
Nas asas do pensamento
A poesia tão grata;
Por que vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos seus:
  Vem comigo, ó doce amada,
  Que eu te direi os caminhos,
  Donde se enxergam anjinhos,
  Donde se trata com Deus.

Fujamos longe das vilas,
Das cidades populosas,
Do vegetar entre as vagas
Destas cortes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Deste viver cortesão!
  Fujamos desta impureza,
  Só vês cordura por fora;
  Mas nunca o vício que mora
  Nas dobras do coração!

Fujamos! Que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhos vã glória,
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, estes gritos,
Este viver a mentir?
  Fujamos, que em tais lugares
  Não há prazer inocente,
  Só alegria que mente,
  Só lábios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos ali sozinhos,
Sozinhos, mas descuidados
D'estes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhado
E eu só a rever-me em ti!
  Quando depois nos tornarmos
  À terra serena e calma,
  Aqui acharei tua alma,
  E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'imenso a vista cansa;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular sem fim.
  Mas nos roncos da procela,
  Nossos olhos encontrados,
  Nossos braços enlaçados,
  Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nênias sentidas
No seio da escuridão.
  Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de cor sombria;
Como o sol, pintor mimoso,
Seus acidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!
  Como ali sente-se a vida
  Melhor, mais viva, mais pura
  Naquela eterna verdura,
  Naquele eterno gozar!

Vem comigo, oh! Vem depressa,
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a inocência,
Divina e santa pureza,
Que dá vida aos objetos.
Feituras da mão de Deus!
  Vem comigo, ó doce amada,
  Que são estes os caminhos,
  Donde eu enxergo os anjinhos,
  Que tu vês nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,
Vi novos vales, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim luzindo;
 E eu só! E eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, - e o Doiro e o Tejo
Do mísero proscrito repetiram
 Sentidos carmes.

Repetiu-mos o plácido Mondego;
Talvez em mais de um peito se gravaram,
Em mais de uns meigos lábios murmurados,
 Talvez soaram.

Os filhos de Minerva, novos cisnes,
Que a fonte dos amores meigos cria,
E alguns de Lísia sonoros vates,
 Sisudos mestres;

Ouvindo aquele canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, - e a voz do piaga
Rugindo, como o vento na floresta,
 Prenhe d'augúrios;

Benignos me olharam, e aos meus ensaios
Talvez sorriram; porém mais prendeu-me,
Quem sofrendo como eu, chorou comigo,
 Quem me deu lágrimas!
Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e sofrer, não vejo embalde
Ao canto a dor unida, - e os repassados
 Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim: "Pobre Canário
Que fado mau cegou, por que soltasse
 Mais doce canto;

Pobre Orfeu, nestes tempos mal nascido,
Atrás dum bem sonhado pelo mundo
A vagar com lira – um bem que os homens
 Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dor te abrande:
A vida é breve, e o teu cantar simelha
Vagido fraco de menino enfermo,
 Que Deus escuta.

PALINÓDIA

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apesar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seus andrajos,
 Em tremedal de vícios;

S só por vós descri do que era nobre,
Por que involto em torpeza imunda e feia,
As vestes da virtude imaculada
 Rebolquei-as no Iodo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existência me consome,

E entre angústias cruéis minha alma anseia,
 - Ludíbrio dos meus erros:

Consenti que a moral os seus direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeu na pura infância
 Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meus lábios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não pôde,
 Mulher ou estátua!

Mentistes quando amor tínheis nos lábios.
Mentistes q compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto...
 Fostes bem falsa!...

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ela não sente,
E o rosto of’rece a ósculos vendidos,
 Ao sigilo da infâmia.

Quantas vezes, Senhora, não caístes
Humilhada, à meus pés, desfeita em pranto,
Chorando – e que choráveis? – a jurar-me...
Que juráveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cair gota a gota dos meus lábios
No que eu supunha cicatriz recente,
 E que era úlcera funda;

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito aflito
Ao fel das vossas dores, que azedáveis
 Co’o pranto refalsado,

Ouvi! – não éreis bela, - nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
- Um sublime ideal – amou somente;
 Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vícios mais que muito afeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho...
 Amá-la eu, Senhora!

Deitar-me sob a copa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
 Que por ninguém palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'ósculos comprados;
Crer no que dizem olhos mentirosos,
 Em prantos de loureira!

Antes curvar o colo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos ofende,
 Que nos cobre de opróbrio!
Antes, possesso d'imprudência estúpida,
Brincando remexer no açafate,
Onde por baixo de mimosas flores,
 O áspide se esconde!

Mas eu, nos meus acessos de delírio,
Voz importuna de contínuo ouvia,
Cá dentro de mim, a rep'ender-me sempre
De vos amar... tão pouco!

Assim o cego idólatra se culpa,
Nos espasmos d'ascética virtude,
De não amar assaz o vão fantasma,
 Se suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cospe afronta e desdém, e à chama entrega
O cepo vil, que não mereces altares,
 Nem d'ofrendas é digno!

Releva-se a imprudência feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdoa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
 No mar de escolhos cheio.

O Deus, que mais perdoa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as asas de algum anjo orvalha
 De lágrimas contritas.

Mas não a aquela, em cujo peito mora
Torpeza só, - onde o amor se cobre
De vícios – a nutrir-se d'impurezas,
 Como vermes de Iodo.

Se porém te aproveita o meu conselho,
À quem, mais do que a mim, tens ofendido,
Que entre os risos do mundo, ve tua alma
 E lê teus pensamentos;

Se não crês noutra vida além da morte,
Roga se quer a Deus, que te não rompa
À luz do sol divino da Justiça
QA máscara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgável,
A dura opinião – te não entregue,
Sozinha, e nua, e d'irrisão coberta,
 À popular vindicta!

OS SUSPIROS

Muitas vezes tenho ouvido,
Como lânguidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
Dentre uns lábios de coral:
 A fina tez lhes deslustram,
 Bem como o alento que passa
 Sobre o candor duma taça
 De transparente cristal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,

Sobre lábios desmaiados
Sussurrando esvoaçar!
 Como flor submarinha
 Da funda gleba arrancada,
 De vaga em vaga arrastada,
 Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
Em quanto a lua fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Feita seus olhos no céu:
 Notas de mundo longínquo
 Repassadas de harmonia,
 Diamante que alumia
 A tela de um fino véu!

Tu, virgem, por que suspiras?
Quando suspiras que cismas?
Em que reflexões te abismas,
- Do passado ou do porvir;
 Mas não tens passado ainda,
 Tudo é flores no presente,
 Brilha o porvir docemente,
 Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?
- Murmura trepida a fronte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar;
 O ditoso tem sorrisos,
 O desgraçado tem pranto,
 A virgem tem mais encanto
 No seu vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
É da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teu!
 Vago, incerto, indefinido,
 Tem um quê de inexplicável,
 Como um desejo insondável,
 Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teus suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cântico de amor;
 Mais do que a flor entre as vagas
 Sem destino flutuando,
 Folgo de os ver expirando
 Em lábios de rubra cor.

Mais que a longínqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto,
Cintilando almo fulgor;
 Folgo de ouvir teus suspiros,
 Ó doce virgem mimosa,
 Como nota harmoniosa,
 Como um cântico de amor!

QUEIXUMES

I

Onde estás, meu senhor, meus amores?
A que terras – tão longes! – fugiste?
Onde agora teus dias se escoam?
Por que foi que de mim te partiste?

II

Não te lembras! Quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão asinha,
Prometeste-me breve se minha
Tua vida, que o mar me roubava.

III

Tão amigo do mar foste sempre,
Por que amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigam?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV

Vejo além o lugar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal sofrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

V

Da partida era o fúnebre instante,
Breve instante de aflitos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meus puros amores!

VI

Inda choro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teu amor me deixaste nos braços,
Nos teus braços levaste-me a vida!

VII

Oh! Cruel, que então foste comigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teu navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

VIII

Mas a mim! – que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, - que o meu triste penar!

IX

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh! Bem cara! – se ledo sorrias,
Se pensavas sozinho e profundo,
Se agras dores contigo curtias;

X

Eu te amava, senhor! – Nem podia,
Dentro em mim, convencer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI

Mas o mar tem lindezas que encantam,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Tão bem dizem que vozes descantam
No silêncio pacato desta hora!

XII

São de ninfas os mares pejados,
Tão bem dizem que sabem magia,
Que suscitam cruel calmaria,
Só d'em torno dos seus namorados!

XIII

Alta noite, bem perto, aparece,
Como leiva juncada de flores,
Ilha fértil em fáceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece!

XIV

Não te esqueças de mim! – Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim;

XV

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar majestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso;

XVI

Quando vires a mole Odalisca
De beleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arábia,
Em sericos tapizes deitada;

XVII

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunucos rodeia;

XVIII

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megara,
Em sua língua, tão doce, cantando
Seus amores que o Turco roubara;

XIX

Quando a vires no Carro de Homero,
Bela e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes melífluos do Himeto
A parelha de bois aguilhando;

XX

Não te esqueçam meus duros pesares,
Não te esqueças por elas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

XXI

Se eu fosse homem, tão bem desejara
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII

Qu’ria ver a andorinha coitada
Nos meus mastros fugida pousar,
E achar no convés abrigada,
Quando o vento começa a reinar!

XXIII

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seu curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Falaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao princípio ardente amava;
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teu peito julguei constante e nobre!

Oh! Que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Espanha o Grécia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANIVERSÁRIO DE UM CASAMENTO
A MRS. A. N. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja
 Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja às margens florescentes
 Do rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Pátria ao longe,
 Que vejas incessante
As memória, os templos, os palácios
 Da Cidade gigante?

A pátria é conde quer que a vida temos
 Sem penar e sem dor;
Onde rostos amigos nos rodeiam,
 Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolam
 Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
 Na erma sepultura;

A pátria é onde a vida temos presa:
 Aqui tão bem há sol!
Tão bem a brisa corre fresca e leve
 Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,
 Tão bem os céus têm cor;
Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,
 E os astros tem fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,
 De mimoso tapiz;
Nas asas do silêncio desce a noite
 Tão bem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
 Ao solo brasileiro;
Bem vinda seja às margens florescentes
 Do Rio hospitaleiro!

Compridos anos e folgados viva
 Neste ditoso clima,
E veja à par dos filhos seus queridos
 Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seu feliz consórcio
 De novo em cada ano
Soltar um hino de amizade estreme,
 Um canto mais que humano!

CANTO INAUGURAL
À MEMÓRIA DO CÔNEGO JANUÁRIO DA CUNHA BARBOSA

Onde essa voz ardente e sonorosa,
Essa voz que escutamos tantas vezes,
Polida como a lâmina dum gládio,
 Essa voz onde está?

No rostro popular severa e forte,
No púlpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
 Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um vulcão de idéias borbulhava
E o generoso ardor de uma alma nobre
 - Onde param tão bem?
Novo Colombo audaz por novos marés,
A sonda em punho, os olhos nas estrelas,
Co’as brônzeas quilhas retalhado as vagas
 Do inóspito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os troféus da liberdade sacra,
 Os destinos da Pátria!

Noturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
 Nevem de um céu mais puro?

Secou-se a voz nas fauces ressequidas
Parou sem força o coração no peito,
 Quando somente um pé firmava a custo
 Na terra prometida!

E a mão cansada fraquejou... pendeu-lhe.
Inda a vejo pendente, sobre as páginas
Da pátria história, onde gravou seu nome
 Tarjado em letras d'oiro.

Pendeu-lhe... quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe afigurava
 Eu a luta acerba do Titã brioso,
 Última prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclismo horrendo,
Que ele – poeta – não achou nos combros
 Da ignívoma Tessália!

Inveja... mas às formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; - e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróis famosos
 Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutastes!
Dorme agora no gélido sudário;
Foi duro o afã, aspérrima a contenda,
 Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teu sono eterno;
Mas sobre a lousa do sepulcro humilde,

Como na vida foi, surja o teu busto
 Austero e glorioso.

Coluna inteira em combros derrocados,
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, - seguro e salbo
 Dos naufrágios dum século;

Dorme! – não serei eu quem te desperte,
Meus versos... não serão: - palmas em graça,
Ou pobre rama d'árvore funérea,
 Piramidal cipreste.

São flores que desfolha sobe um túmulo
Singelo, entre um rosal, quase fagueiro,
Piedosa mão de peregrino estranho,
 Que ali passou acaso!

TABIRA
DEDICATÓRIA
AOS PERNAMBUCANOS

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
 Boiante sobre as aguas!
Amigo gênio te formou na Europa,
Gênio melhor te despertou sorrindo
 À sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! São teus montes
Arrelvados, inúmeros teus vales,
 Cujas veias são rios!
Doces teus prados, tuas várzeas férteis,
Onde reluz o fruto sazonado
 Entre o matiz das flores!

Outros, pátria d'heróis, teus feitos cantem,
E a bela história de colônia exaltem,

E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Espraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flores dos mares de Colombo,
Filhas do norte ardente!
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'inocência à própria imagem,
Que luz em claro arroio.

Andei, por vós somente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flores na floresta,
Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, - como vós, belas,
Enastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante!

Não vivem muito as flores: são versos
Efêmeros como elas; cor sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou tino fraco d'ave matutina,
Ou eco de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

TABIRA
POESIA AMERICANA)

I

É Tabira guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado;
É caudilho de tribo potente,
- Tobajaras – o povo senhor!
Ninguém mais observa o tratado
Ninguém menos de p'rigos se aterra,

Ninguém corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

II

Seu viver é batalha aturada,
Dos contrários a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha meter!
Levam noites com ele sonhado
Potiguares, que o viram de perto;
Potiguares, que asselam por certo
Que Tabira só sabe vencer!

III

Mil enganos lhe tem já tecido,
Mil ciladas lhe tem preparado;
Mas Tabira, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre o bravo fronteiro aparece,
Que os enganos cruéis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV

Já dos Lusos o trôço apoucado,
Paz firmando com ele traidora,
Dorme ileso na fé do tratado,
Que Tabira é valente e leal.
Sem Tabira do Lusos que fora?
Sem Tabira que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outrora em seu mal!

V

Chefe stulto dum povo de bravos,
Mas que os piagas vitórias te fadem,
Hão de os teus, miserandos escravos,
Tais triunfos um dia chorar!
Caraíbas tais feitos aplaudem,
Mas sorrindo vos forjam cadeias,

E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão-de lançar!

VI

Chefe sólido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teus malbaratas?!
Míngua as forças da tribo potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teus, acossados nas matas,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII

Vivem homens de pel' cor da noite
Neste solo, que a vida embeleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nênias tristes da pátria cantar!
Mas o índio que a vida só preza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII

Ociosa. Indolente, vadio,
Ou ativo, incansável, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;
Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a glória, ama a vida; mas antes
Que viver amargados instante,
Quer e pode e bem sabe morrer!

IX

Eia, avante! Ó caudilho valente!
Potiguares lá vem denodados;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguém viu nestas partes assim!
Poucos são, mas briosos soldados;
Não são homens de aspecto jocundo!

Restos são, mas são rstos dum mundo;
Poucos são, mas soldados por fim!

X

Os seus velhos disseram consigo,
Discutindo os motivos da guerra:
"É Tabira – cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupã!"
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares:
Era noite! Milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI

Vem soberbos, - o sol luz apenas!
Confiados, galardos, lustrosos,
Vem bizarros nas armas, nas penas,
Atrevidos no acento e na voz!
Um dentre eles, dos mais orgulhosos,
Sobe à pressa nas aspas dum monte,
Dali brada, postado defronte
De Tabira – com jeito feroz:

XII

"Ó Tabira, Tabira! aqui somos
A provar nossas forças contigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Di0lo tu, não no diz mais ninguém.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmão de Tabira!
Propagastes solene mentira,
Que vencer não sabemos tão bem.

XIII

"Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, - sou forte:
Acorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa coorte:
Travaremos combate sangrento,

Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós, se fui eu quem menti.”

XIV

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
- Bem falado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabira rugindo,
Ressentindo de ofensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não leva no sangue de alguém.

XV

Raso outeiro ali perto se of’rece:
Vinga-o prestes, hardido, açodado!...
Como leiva de pálida messe,
Já madura, tremendo no pé;
Todo o campo descobre ocupado
Por guerreiros, - no extremo horizonte
Não distingue nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seu valor não fraqueia;
Diz consigo: “Um só golpe certeiro
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meus!” – Já vozeia;
Logo os seus lhe respondem gritando,
Tais rugidos, tais roncos soltando
Que aos seus próprios deveram turbar!

XVII

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavam,
De pavor subitâneo tomadas,
Descaíam pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavam
Muitas outras, que o triste gemido

No conflito, abafado e sumido,
Talvez deram, - mas fraco, mas vão!

XVIII

Eis que os arcos de longe se encurvam,
Eis que as setas aladas já voam,
Eis que os ares se cobrem, se turvam,
De flechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboam,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a vitória inda está.
Todos movem tacapes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No imigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX

"Mas Tabira! Tabira! Que é dele?
"Onde agora se esconde o pujante?"
- Não no vedes?! – Tabira é aquele
-Que sangrento, impiedoso lá vai!
-Vê-lo-eis andar sempre adiante,
-Larga esteira de mortos deixando
- Trás de si, como o raio cortando
- Ramos, troncos do bosque, onde cai. –

XXI

"Foge! Foge! Leal Tobajara;
"Quantos arcos que em ti fazem mira?!"
- Muitos são; porem medos encara
- Face a face, quem é como eu sou! –
Muitas setas cravejam Tabira:
Belo quadro! – mas vê-lo era horrível!

Porco-espim que sangrado e terrível
Duras cerdas raivando espetou!

XXII

Tem um olho dum tiro flechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem
E do rosto, em seu sangue lavado,
Flecha e olho arrebata sem dó!
E aos imigos que o campo não cedem,
Olho e flecha mostrando extorquidos,
Diz, em voz que mais eram rugidos:
- Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII

E com fúria tão grande arremete,
Com despego tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repete,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda à fera mais torva e bravia
Disputando guarida dum dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV

Potiguares, que a aurora risonha
Viu nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos dum povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas há quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Uem a vida do escravo maldiz!

XV

"Este o conto que os Índios contavam,
"A desoras, na triste senzala;
"Outros homens ali descansavam,
"Negra pel1; mas escravos tão bem.
"Não choravam; somente na fala
"Era um quê da tristeza que mora

“Dentro d’alma do homem que chora
“O passado e o presente que tem!"

HINOS

A LUA

Salve, ó Lua cândida,
Que trás dos altos montes
Erguendo a fronte pálida,
Dos negros horizontes
As sombras melancólicas
Vens ora afugentar
Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume trêmulo
D’estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tênue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites hórridas;
Qual sol que em linfa clara
Desponta os raios vívidos,
Em tarja multicor;
És como a virgem pudica.
Que amor no peito encerra;
Mas só, mas solitária,
Vagando aqui na terra
Triplica o selo místico
Do não sabido amor!
Eu te amo, ó Lua cândida,
No giro sonolento.
E o teu cortejo mádido
De estrelas, e do vento
O sopro merencório,
Que à noite dá frescor.

Por teus influxos mágicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos úmidos
Gotejam triste pranto,
Que orvalha a chaga tépido,
Que míngua a antiga dor!

Em gélido sudário
De neve alvinitente,
Por terras vi longínquas,
Durante a noite algente,
A tua luz benéfica
Luzir meiga do céu.
Nos mares solitários
Tão bem a vi! – nas vagas
Brincava o lume argênteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntário,
Cansado exílio seu!

Tão bem a vi na límpida
Corrente vagarosa;
Tão bem nas densas árvores
De selva majestosa,
Coando os raios lúbricos
No lôbrego palmar.
E eu só e melancólico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslizar-se tímida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tétrica
Da mata secular;

Em devaneio plácido
Velava, em quanto via
Ao longe – os altos píncaros
Da negra serrania,
- Disformes atalaias,
Que sempre ali serão!
No rórido silêncio
Minha alma se exaltava;
E das visões fantásticas,
Que a lua desenhava,

Seguia os traços áureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, impróvido,
Até que de repente
Da minha vida mísera
Se me antolhava à mente
A quadra breve e rápida
Do malfadado amor.
Então fugia atônito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silêncio;
Bem como o cervo insonte,
Que às setas foge pávido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fúlgido,
Que brilhas docemente.
Melhor que o lume trêmulo
D'estrela inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplêndido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pálida,
Vagando em noite bela,
Rompendo as nuvens túrdidas
Da ríspida procela;
Eu te amo até nas lágrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
 Do bosque murmurando:
Então, mau grado o véu que involve a terra,
A vista, do que vela, enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
 Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Então parece que da vida as fontes
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,
 Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, -- que então mais funda e leve a fonte
Mana, -- e que os sons então mais doce e triste
 Da música se espargem.

O peito aspira sôfrego ar de vida,
Que da terra não é; qual flor noturna,
Que bebe orvalho, ele se embebe e ensopa
 Em êxtasis de amor;
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
 Para afagar-lhe o trono!
Assim é que no templo majestoso
Reboa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
 Mudez do santuário;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capela que o resguarda,
E na chave da abóbada topando,
 Como um dossel, se espraia.

Eu amo a noite solitária e muda;
Como formosa dona em régios paços,
/Trajando ao mesmo tempo luto e galas
 Majestosa e sentida;
Se no dó atentais, de que se enluta,
Certo sentis pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
 De a ver tão bela e grave!

Considerai porém o nobre aspecto,
E o porte, e o garfo senhoril e altivo,
E as falas poucas, e o olhar sob'rano,
 E a fronte levantada:
No silêncio que a veste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ela é grande
Com voz humilde a saudareis rainha,
 Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitária e muda,
 Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromáticas ardendo;
 Giram fúlgidos astros!
Eu amo o leve odor que ela difundo,
E o rorante frescor caindo em per'las,
E a mágica mudez que tanto fala,
 E as sombras transparentes!

Oh! Quando sobre a terra ela se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flor dentre o seu musgo,
 A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana soa,
E mais se acorda ao hino harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
 E Deus gostoso escuta.

A TEMPESTADE

I

De cor azul brilhante o espaço imenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Cintila e fulge em lâminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!
Nos céus um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pálido e breve:
Outro vem após ele, inda outro, muitos;
Sucedem-se freqüentes, -- mais freqüentes,
Assumem cor mais viva, --inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horizontes co'o fulgir roxeiam.

Qual manca d'óleo em tela acetinada,
Que os fios todos lhe repassa e embebe;
Ou qual abutre do palácio aéreo
Tombando acinte, -- no descer sem asas
Um ponto só, - até que em meia altura
Abrindo-as, paira majestoso e horrendo:
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cúpula dos céus de cor medonha
Tinge, e os céus alastra, e o espaço ocupa.
A abóbada de trevas fabricada
Descansa em capitéis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
E aos píncaros da rocha enegrecida
De iroso e mal sofrido a espuma arroja!
Raivoso turbilhão consigo arrasta
O argueiro, a folha em vórtice espantoso;
No vale arranca a flor, sacode os troncos,
No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a natureza os seus esforços
Primeiro que entre em luta; não lampeja
Ínvio fogo nos céus; não sopra o vento:
É tudo escuridão, silêncio e trevas!
Somente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensível, como que sem causa,
Imenso como o eco de mil vozes
No céu de extensa gruta repulsando.
Silêncio!perto vem a tempestade!

Grávidas nuvens de fatais coriscos,
Sem rumo, como nau em mar desfeito,
Eu muda escuridão negros fantasmas,
Indistintos, em forma, -- ondulam, jogam.
Logo poder oculto impele as nuvens,
Atraem-se os castelos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, -- brilha o raio,
E o ronco do trovão após ribomba!

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as asas do tufão que enfreias,
Despega os elos do veloz corisco
E as nuvens rasga em rúbidas crateras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
Do teu açoite aos látegos bramindo,
Ocupem de pavor os céus e a terra,
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
Que assim por teus influxos me comoves,
Que todo me eletrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
Por desertos, por sirtes arenosas
Jungido e preso e atônito levado;
Assim minha alma sobe e vai contigo,
E vinga os teus palácios mais subidos,
Contempla os teus horrores, e dos astros
No prazer, que lhe dás, toda embebida,
Mau trado teu horror, folga contigo!
Parece que ali tem a régia c'roa
Que o feliz condenado achou na Ucrânia.
Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Enfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
De pérolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meu Deus, assim será no dia
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jericó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com roncos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com fúria brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, há de acender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,
No abismo hão de cair com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão-de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abismo as solidões hão-de acordar-se!
Flamívomos vapores condensados,
Te nós, e além de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incêndio.

O ar há de acender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em frágua,
Coalhar-se o mar e em áspera secura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chamas,
Neste caos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, à um só dizer do Onipotente,
O pó segunda vez há de animar-se,
E os mortos, mal sofrendo a luz da vida,
Atônitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tatear os membros,

Estranhos a existência já vivida,
 Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, -- tu o disseste—
Virás cheio de glória e majestade,
Em sólio de luzeiros resplendente,
 E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça em fins do mundo
Acalmar a procela, e quando aos mortos
Disseres tu, quem és, -- lembrar-nos-emos,
 Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveu contigo,
Quem n'âncora da fé prendeu sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
 Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seus passos graduou nos teus caminhos;
Quem dia e noite revolveu consigo
 Como aplacar-te.

****

Sobre o autor e sua obra

Gonçalves Dias

Rivalizado, dentro do Romantismo, apenas por Castro Alves, com quem, aliás, constitui um dos pontos mais altos de toda a poesia brasileira, GONÇALVES DIAS, se não foi o criador do Indianismo, foi aquele que, ao lado de José de Alencar na prosa, o levou aos maiores extremos de beleza, riqueza e intensidade. Misturando poesia lírica e épica, seus escritos de temática americana incorporam, definitivamente, os assuntos e as paisagens autóctones, libertando as letras brasileiras do jugo português. Valorizando os sentimentos de piedade e coragem, apreendendo o sentido heróico da vida, com densa carga emocional, força dramática, fartura simbólica, plasticidade rítmica e um jogo dialógico dos mais ricos, I-Juca-Pirama é a expressão superior dessa vertente que conseguiu trabalhar, pela primeira vez com radicalidade máxima, o protótipo do brasileiro. Em sua veia lírica, o poeta saberá designar aquilo que é mais característico do temperamento do povo do país, como, por exemplo, a saudade da terra natal, tão bem cantada noutro dos mais famosos poemas nacionais de todos os tempos, Canção do Exílio.

OBRAS

Primeiros Cantos (1846); Leonor de Mendonça (1847); Segundos Cantos e Sextilhas de Frei Antão (1848); Últimos Cantos (1851); Cantos (1857); Os Timbiras (1857); Dicionário de Língua Tupi (1858); Obras Póstumas (1869); Poesia Completa e Prosa Escolhida (1959).

A PÁTRIA EM PALAVRAS

"O I-Juca-Pirama é dessas coisas indiscutidas, que se incorporam ao orgulho nacional e à própria representação da pátria, como a magnitude do Amazonas, o grito do Ipiranga ou as cores verde-e-amarela." (Antonio Candido, Formação da literatura brasileira)

A CRIAÇÃO DE UMA LITERATURA AUTÓCTONE

"Sabe-se que nas chamadas 'poesias americanas', isto é, de cunho indianista, sua grandeza dificilmente poderá ser contestada: nelas, pela primeira vez, percebeu-se definidamente no Brasil a criação de uma literatura autóctone em assunto e ambiente." (Péricles Eugênio da Silva Ramos, Introdução)

I-Juca-Pirama

Tu choraste em presença da morte?/ Na presença de estranhos choraste?/ Não descende o cobarde do forte;/ Pois choraste, meu filho não és!/ Possas tu, descendente maldito/ De uma tribo de nobres guerreiros,/ Implorando cruéis forasteiros,/ Seres presa de vis Aimorés.// Possas tu, isolado na terra,/ Sem arrimo e sem pátria vagando,/ Rejeitado da morte na guerra,/ Rejeitado dos homens na paz,/ Ser das gentes o espectro execrado;/ Não encontres amor nas mulheres,/ Teus amigos, se amigos tiveres,/ Tenham alma inconstante e falaz!// Não encontres doçura no dia,/ Nem as cores da aurora te ameiguem,/ E entre as larvas da noite sombria/ Nunca possas descanso gozar:/ Não encontres um tronco, uma pedra,/ Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,/ Padecendo os maiores tormentos,/ Onde possas a fronte pousar.// [...] Sê maldito, e sozinho na terra;/ Pois que a tanta vileza chegaste,/ Que em presença da morte choraste,/ Tu, cobarde, meu filho não és.